

OS RESTOS NO CAMINHO: O RITO DE PASSAGEM ENQUANTO CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

THE REST ON THE WAY: THE RITE OF PASSING AS IDENTITARY CONSTRUCTION

Andressa de Souza SILVA (UnB)

RESUMO: Este artigo pretende analisar os contos *Menina a Caminho*, de Raduan Nassar e *Restos do Carnaval*, de Clarice Lispector percorrendo o percurso de caminhada das personagens-protagonistas num movimento de amadurecimento a partir da compreensão do rito de passagem da infância para a puberdade, por meio da descoberta da sexualidade, num contexto de poder dominante consolidado na sociedade brasileira desde o período colonial até a atualidade, sustentado pela violência como inflexão. A análise se pauta na percepção de que estas meninas, inseridas num contexto de pobreza e de violência, são levadas pela sociedade a saírem da infância precocemente ainda sem entrarem na fase adulta, permanecendo, portanto, num caminho de ausência. O modo como a sociedade trata as crianças, principalmente meninas, às leva a um processo de responsabilidade que culmina na perda da infância uma vez que elas estão inseridas num contexto de pobreza, de violência e de vulnerabilidade sociais amplamente marcadas de modo que as duas narrativas possuem um diálogo bastante importante sobre condutas sociais frente essas questões. Para o alcance do objetivo será realizada a metodologia da análise comparativa entre textos literários e teorias históricas e sociais bem como a fundamentação da crítica literária.

PALAVRAS-CHAVE: Rito. Sexualidade. Violência. Identidade.

A sexualidade e o lugar da criança na sociedade

Ainda que os movimentos libertários, sobretudo a revolução dos valores e costumes do final dos anos de 1960 nas sociedades ocidentais tenham trazido liberdade sexual, a sexualidade feminina continua sendo um tabu social, principalmente, quando se fala do autoconhecimento a partir da exploração do próprio corpo.

O tema da sexualidade feminina fica ainda mais velado quando se trata da descoberta sexual de meninas que transitam entre a infância e a puberdade, momento de grandes transformações, mas que é carregado de silenciamento e de constrangimento. Falar da sexualidade da menina é um tema quase proibido, que ganha *status* de profanidade, desse modo, quando a literatura se coloca como geradora desta questão, ela se posiciona como transgressora. É nesse lugar de transgressão que se situam as duas obras a serem analisadas neste artigo: *Restos do Carnaval*, de Clarice Lispector e *Menina a Caminho*, de Raduan Nassar. Ambas trazem em sua narrativa a descoberta da sexualidade das garotas, que num dado momento (pode-se ser entendido como um momento de epifania) deixam, pelo menos em parte, o mundo infantil e adentram ao mundo adulto, ao que parece, forçadas pelo amadurecimento precoce a partir de contato com a violência psicológica, existencial e física. Assim, faz-se importante pensar na abordagem do início da sexualidade feminina a partir do viés do amadurecimento precoce das meninas na sociedade brasileira pós-colonial, inseridas num contexto de violência

seja física ou simbólica em que o rito de passagem é antecipado face ao sofrimento imposto às protagonistas.

Em ambos os contos, as personagens, que são meninas de faixas etárias próximas (mais ou menos oito anos de idade) são profundas e apresentam um movimento de busca de si, diferentemente de outras obras que posicionam a criança como um ser linear e raso. Essas representações são reflexo do modo como o universo infantil vem sendo tratado pela sociedade durante as décadas.

O processo de tratamento da criança e de reconhecimento da infância perante a sociedade mudou durante os séculos. Antigamente as crianças eram tratadas como um adulto, elas participavam de todas as ações familiares e sociais sem que suas particularidades e desenvolvimento psicológico fossem levados em consideração:

Na sociedade antiga, não havia a 'infância': nenhum espaço separado do 'mundo adulto'. As crianças trabalhavam e viviam junto com os adultos, testemunhavam os processos naturais da existência (nascimento, doença, morte), participavam junto deles da vida pública (política), nas festas, guerras, audiências, execuções, etc., tendo assim seu lugar assegurado nas tradições culturais comuns: na narração de histórias, nos cantos, nos jogos. (RICHTER, 1979 apud ZILBERMAN, 2003, p. 36),

Este fato causava muitos danos físicos, sociais e psicológicos que tinham como consequência a alienação, a submissão e, principalmente, a violência imposta a essa parcela social. Áries (2012, p. 99) afirma que na antiguidade havia a inexistência do sentimento da infância:

Na sociedade medieval, [...] o sentimento da infância não existia [...] assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes.

Desta maneira, a criança não possuía voz nem lugar na sociedade, ela era considerada um mini-adulto, assim, muitas meninas eram obrigadas pelos pais a se casarem quando iniciavam a sua puberdade, logo, saíam da casa dos pais e passavam a ser submissas aos seus maridos, de modo que estavam sempre controladas pela sociedade patriarcal.

Foi no século XVIII que a infância ganhou uma nova dimensão e passou a ser considerada, as particularidades das crianças passaram a ser consideradas como importantes e elas se tornaram um grupo de status especial, distinto dos adultos, com suas instituições especiais próprias, como as escolas e seus próprios circuitos de informações. Desta forma, o mundo da criança passou a ser diferenciado do mundo do adulto, mas essa categorização gerou uma nova situação em a criança passou a ser diferente, o seu significante tornou-se um *status cor* de vulnerabilidade e ela foi posta num outro lugar, que pode ser dado como um lugar de ausência o que ratifica a submissão desse grupo ao poder dos mais velhos.

Andrade (1998), ao investigar determinadas famílias, identificou uma problemática que vem sendo mantida e sustentada por um imaginário social: pensar a criança como um "ainda não", algo que "um dia se tornará sujeito". Talvez seja por esta relação que o poder do adulto sobre a criança na modernidade seja tão explícito e explique a situação de vulnerabilidade e abandono que muitas crianças

sofrem. Desta forma, meninos e meninas são, muitas vezes, vistos como seres divinais desprovidos de sexualidade, o que gera uma dicotomia social, pois a descoberta da sexualidade é considerada como a saída da infância e entrada no mundo adulto. Nas obras analisadas, é por meio da descoberta sexual que as personagens se deslocam de um lugar para outro, ou seja, os contos retratam a caminhada dessas garotas da infância para a vida adulta através de uma “errância” solitária num contexto de vulnerabilidade e ausência social.

A rua, a violência e a pobreza

Em *Menina a Caminho* (MC), o narrador, em terceira pessoa, observa a travessia de uma menina pobre pelas ruas de uma cidade do interior. Enquanto caminha, ela vai se deparando com cenas e personagens que irão, intrinsecamente, imputando-lhe uma transformação silenciosa por meio da descrição de uma realidade dura de abandono e de violência psíquica e até mesmo física que acompanham o movimento dela nesta caminhada. A menina precisa dar um recado de sua mãe a um comerciante cujo sentido ela parece não compreender, no trajeto vivencia várias situações que a distraem de sua missão, mas ao chegar ao estabelecimento do personagem, é rechaçada por ele e ao voltar para casa, presencia a mãe ser espancada pelo pai que ouve a conversa entre as duas sobre o fato acontecido.

Em *Restos do Carnaval* (RC), a personagem em primeira pessoa narra as memórias de um carnaval que a marcou aos oito anos de idade, quando vivenciou a dicotomia entre a euforia de, pela primeira vez, poder brincar o carnaval fantasiada com os restos de materiais usados para a confecção da fantasia de sua amiga e a tristeza de vivenciar a doença de sua mãe seguida da frustração pela tragédia familiar no período de carnaval. Ao ter de ir comprar medicamento para a matriarca sem sua fantasia de rosa, a menina se sente desencantada pelo carnaval, mas, depois de apaziguados os ânimos em casa, ela sai para a rua, se depara com um menino de 12 anos que lhe reconhece como uma rosa e lhe joga confetes e o carnaval ganha um novo significado.

Os dois contos possuem pontos de intersecção que trazem um recorte social bastante importante para se pensar a trajetória e a construção da identidade das crianças mediante um cenário social muito comum em nossa sociedade, talvez, o principal deles seja a rua, espaço que ganha *status* de personagem conduzindo as ações e as transformações das protagonistas. A rua não parece ser colocada como um espaço de liberdade, mas sim de abandono, o que confirma um cenário de violência em relação a essas meninas, isso fica bastante evidenciado no conto Nassareano, já em *Restos do Carnaval*, esta relação é menos explícita, uma vez que o espaço está transformado e mascarado pela fantasia do carnaval, uma festa que permite a troca de posições e de valores. Ao terem contato com esse espaço, estas garotas caminharão rumo a uma mudança de paradigma existencial a partir da vivência de situações que as levam à descoberta da sexualidade e ao reposicionamento de seus corpos situando-os em outro lugar que ainda não é o da fase adulta, mas que também não é mais o da infância, pois estão entre os dois universos que se opõem entre a fantasia pueril e a realidade. Nesse processo de mudança, o cenário da rua ganha importância fundamental nas duas obras. A rua é local de caminhada, lugar onde as personagens se deslocam da infância para a puberdade. A rua é, portanto, local de passagem, tanto literariamente quanto simbolicamente, pois é este espaço que permite as vivências e os movimentos que

conduzem as protagonistas ao rito de passagem entre esses lugares na reconstrução identitária.

O segundo ponto de contato entre as narrativas é a presença da violência. As meninas estão sempre em contato com a violência dada como inflexão, quando transforma o sujeito que a sofre. Percebe-se, portanto, que o mundo da imaginação, da brincadeira e do lúdico, tão importante ao desenvolvimento de uma criança, é roubado constantemente e cotidianamente pela realidade dura a qual vivem estas crianças.

As mudanças que as protagonistas sofrem se pautam nas relações de alteridade com os outros personagens dados por meio de um cenário violento. Essas relações também são pautadas pelas questões de gênero e de poder que se colocam de maneira sutil nas obras, mas que se revelam importantes na construção identitária das garotas.

Em *Menina a Caminho*, as relações se dão por meio do poder impetrado de maneira extremamente violenta que revelam o sofrimento do ser feminino a partir da opressão do masculino (macho) sobre o feminino (fêmea) que podem ser estabelecidos em dois momentos importantes na narrativa; o primeiro deles está na cena em que um casal de cachorros é atacado por um grupo de meninos enquanto acasalava; ao ser atacado, o cachorro some enquanto a cadela caminha em direção à garota:

“O cachorro some de vista, enquanto a cadela, que vem na direção da menina, acaba se dobrando de costas contra um muro, enfiando a cabeça entre as pernas dianteiras e lambendo sofregamente a queimadura atrás” (NASSAR, 1994, p.30).

O narrador, ao trocar as patas por pernas, humaniza a cadela e, ao descrever que o animal corre em direção à menina, aproxima as duas numa condição de fêmeas atingidas pela violência. Para o crítico Miguel Sanches Neto (1997), esta cena possui simetria com a cena final em que a mãe da menina é espancada pelo seu parceiro ao evidenciar a condição de vulnerabilidade do feminino em que o macho provoca sofrimento à fêmea por

Para além desta cena, há inúmeros fatos que pontuam a pobreza, o abandono e, sobretudo, as mais diversas formas de violências as quais a garota é exposta, como a cena em que ela presencia o pai agredir mãe a ponto de a vizinha ter de interferir e de ter de ajudar a mulher num ato de solidariedade. Ainda há uma grande violência verbal direcionada à criança proferida pelo dono do armazém ao qual a menina tem de dar o recado da mãe, que ao final do conto fica subtendido que na verdade é uma afronta dela ao português pelo suposto fato de seu filho ser homossexual, numa espécie de vingança por ele (o comerciante) ter difundido pela cidade comentários de que ela era adúltera, ao que tomado pela fúria ele responde:

Puxa daqui, puxa já daqui sua cadelinha encardida, já agora senão te enfio essa garrafa com fogo e tudo na bocetinha, e também na puta da tua mãe, e na puta daquela tua mãe... (NASSAR, 1994, p.59).

Ao ouvir estas palavras, a menina sai correndo e perde o laço de fita que havia na cabeça. O laço pode ser representado como o que resta de infantil em seu universo que é perdido a partir da violência que ela sofre. A linguagem que Raduan Nassar usa no conto é extremamente dura e já indica esse cenário violento e cruel

ao qual essa menina está inserida. Essa linguagem se aproxima da oralidade e, inegavelmente, representa a hostilidade com que a ela é tratada durante toda a narrativa, fato que contribui para o seu amadurecimento forçado. Para Miguel Sanches Neto, “a importância deste conto (MC) está na vida das palavras, neste olhar de afeto para uma criatura pobre e solitária que se confronta com todas as forças obscuras de um universo hipócrita”.

Em Restos do Carnaval, a relação estabelecida entre a criança e a genitora é de violência, uma vez que a menina se sente frustrada e ao mesmo tempo culpada frente à possibilidade da morte da mãe.

A pobreza dessas personagens é o terceiro ponto de intersecção entre as obras. Ambas advêm de famílias economicamente desfavorecidas que sobrevivem com o mínimo, de modo que estas protagonistas aprenderam a se contentar com o pouco que lhes fora oferecido.

Em Menina a Caminho, a pobreza é extremamente marcada e já é revelada pelo narrador logo no primeiro parágrafo do conto:

O vestido caseiro [...] cobre seu corpo magro feito um pequeno tubo; a saia é de um pano grosso e desbotado [...]. Deve dormir e acordar, dia após dia, com as mesmas tranças, uns restos amarrotados. Uma delas, toda esfiapada, é presa por dois grampos se engolindo; já quase desfeita, as mechas da outra estão mal apanhadas no alto por um laço encardido que cai feito flor murcha sobre a testa (NASSAR, 1994, p.9-10).

Nota-se pelo trecho descritivo que a menina é pobre e malcuidada, parece ser abandonada, diferentemente da personagem Clariceana que tem os cabelos alisados e que é maquiada pela irmã numa ação de cuidado. Além desta falta de cuidado, a protagonista, precisa cuidar de seu irmão mais novo no episódio em que a mãe é espancada por seu pai.

Assim como em Menina a Caminho em que a protagonista, embora pareça caminhar livremente pelas ruas, mas que aos poucos é revelado que ela possui uma missão dada pela mãe, em Restos do Carnaval, a protagonista também sai à rua com a incumbência/responsabilidade de comprar o medicamento para a mãe que está doente;

Também, como realidade comum, aparece a situação em que a irmã assume a responsabilidade de cuidar dos irmãos menores, porém de maneira invertida, a protagonista recebe os cuidados da irmã mais velha que não é uma adulta. Essas questões presentes nos contos são muito comuns nas famílias brasileiras; geralmente, os filhos mais velhos assumem as responsabilidades dos afazeres domésticos e do cuidado dos irmãos mais novos para que os pais possam trabalhar ou por não possuírem uma estrutura familiar que lhes permita a presença de outros adultos, então, desde cedo as crianças, sobretudo as meninas, são obrigadas a assumirem compromissos de adultos.

Elas sofrem pela pobreza e pelas responsabilidades de adultas que lhes são incumbidas desde cedo, sofrem com a dor da morte e da violência e esse cenário forja a maturidade precoce.

Em Restos do Carnaval, a personagem, ao rememorar a sua história, já adulta, tem consciência desta condição, fato que pode ser confirmado pelo seguinte

trecho: “[...] me agregando tão pouco à alegria, eu era de tal modo sedenta que um quase nada já me tornava uma menina feliz” (p. 26). Nota-se pelo trecho que a personagem era economicamente desfavorecida e que ela se percebe sedenta de alegria por tê-la pouco durante sua infância, principalmente, com a chegada da doença da mãe em pleno carnaval, a menina sofre com a possibilidade da morte da genitora e ainda por ter seu carnaval “estragado” por essa situação.

A sexualidade, o rito de passagem e a transformação identitária

As situações sociais vivenciadas pelas meninas parecem favorecer o contato com a sexualidade delas, o que culminará numa transformação de seus posicionamentos existenciais, o que muda o paradigma delas com o corpo e com a construção da própria identidade, pois a sociedade moderna vivencia a sexualidade enquanto promotora da construção da identidade de seus sujeitos.

Dessa forma, pode-se pensar que nos contos, ao tomar consciência da sexualidade, as meninas vivenciam o rito de passagem, processo que gera uma mudança substancial no posicionamento perante a si e à sociedade deslocando-as de lugar para um entre-lugar, pois não possuem mais a ingenuidade da infância, mas ainda não se constituem como adultas, estão num caminhar errante.

Para a compreensão desses processos, é necessário entender a constituição do rito de passagem. De difícil definição, o rito pode ser entendido em sua essência como conceito, como praxe, como processo, como ideologia, como experiência ou como função (Schechner, 1995, apud Terrin, 2004, p. 17).

Para Van Gennep, os ritos de passagem são processos sociais. Nesse processo, Van Gennep (1978, p. 191) tipificou um padrão a partir da representação de uma estrutura composta por uma tríade baseada na separação, na margem e na agregação, que depois foram chamadas por Turner (1977, pp. 36-52) como preliminares, liminares e pós-liminares, ou como Terrin (2004, p. 100) define: a condição precedente, o período de marginalidade e a inserção na nova condição. Há dois outros focos nos estudos dos ritos de passagem: como uma resposta adaptativa – os indivíduos são obrigados a mudar de posição dentro de um sistema – e como mudança do plano individual para o coletivo. Nos casos estudados nos contos, as responsabilidades e o cenário de violência inseridos no cotidiano das meninas promovem estas mudanças contribuindo para que elas vivenciem tão logo esse deslocamento, caminhando para a vida adulta, porém sem ponto de chegada.

Em seu artigo “Sobre estruturas etárias e ritos de passagem”, Mônica Birchler Vanzella Meira afirma que o rito de passagem e as próprias marcas apontam a importância do movimento da sociedade, de um eterno *continuum*. Na qualidade de passagem, sugere que há diferentes estados, momentos, etapas a serem cumpridas, conquistas a serem alcançadas. Fase e ritual são efêmeros, transitórios, passageiros e que seus efeitos causados no indivíduo são duradouros e marcas importantes que dificilmente sairão da constituição de si.

Nos contos analisados, o rito de passagem é claramente marcado. Em Restos do Carnaval, ele se dá por meio da epifania, quando, na rua, a menina se percebe enquanto uma “mulherzinha” por meio do contato que ela tem com um garoto mais velho que lhe joga confetes e a reconhece como uma rosa. Observe:

Um menino de uns 12 anos, o que para mim significava um rapaz, [...] numa mistura de carinho, grossura, brincadeira e

sensualidade, cobriu meus cabelos já lisos, de confete: por um instante ficamos nos defrontando, sorrindo, sem falar. E eu então, mulherzinha de 8 anos, considereirei pelo resto da noite que enfim alguém me havia reconhecido: eu era, sim, uma rosa (p. 28).

A partir desta situação, a menina passa a ter uma nova visão de si e a nova experiência a leva a amadurecer e a se perceber enquanto sujeito no mundo, algo que ela tentara durante a narrativa, porém sem sucesso, isto é, por meio da situação descrita, a personagem começa a se enxergar como mulher diante dos olhos do menino. O universo feminino no conto também se estende quando surgem outras duas personagens que são a amiga da protagonista e a sua mãe. Esse universo feminino é rompido quando a menina encontra o rapaz de 12 anos que lhe joga confetes. No instante em que a menina encontra o personagem, ela se percebe como mulher.

Durante a narrativa, a menina vem em busca de sua transformação identitária, porém sem sucesso, mas é diante do olhar de aprovação do menino que ela consegue sair do universo infantil para entrar no universo sexualizado. Este aspecto é muito importante a ser pensando na sociedade pós-colonial, uma vez que, mesmo num universo feminino, a menina precisa de aval masculino para iniciar o seu rito de passagem, ratificando a ideia que muitas pessoas ainda hoje carregam de que o homem é o responsável por tornar a menina uma mulher a partir de seu olhar erotizado sobre seu corpo.

É nesse momento de autopercepção que a protagonista vivencia o rito de passagem. É importante salientar que na cena narrada há o momento exato do rito de passagem, que alguns estudiosos afirmam ser o momento de epifania, mas durante a construção de toda a narrativa, como, por exemplo, quando ela alisa os cabelos, quando se pinta, quando antecipa o possível problema da chuva e conclui que precisa usar combinações para não ficar despida na rua, a protagonista já se mostra num processo de busca de autoconhecimento e de transformação, a personagem vai se constituindo durante todo o recorte narrativo, assim como também acontece no conto Nassareano.

Em *Menina a Caminho*, a presença da sexualidade é ainda mais explícita. A menina que não possui nome, ao caminhar pelas ruas se depara com várias cenas de cunho sexual que vão contribuindo para a sua transformação, o conto é carregado de uma conotação sexual, e durante o seu percurso a menina se depara com diversos objetos fálicos, como, por exemplo, a pá de um sorveteiro, a muleta do sapateiro e o cajado na imagem de João Batista, mas o olhar dela para estas coisas é inocente, aparentemente, as cenas que vão passando diante da menina inexpressiva parecem não afetá-la, até o final do conto em que acontece o rito de passagem em que a garota descobre ou se apropria da sua sexualidade que é apresentada de maneira fragmentada por meio da masturbação, veja:

Acocora-se sobre o espelho como se sentasse num penico, a calcinha numa das mãos, e vê, sem compreender, o seu sexo emoldurado. Acaricia-o demoradamente com a ponta do dedo, os olhos sempre cheios de espanto. (Nassar, 1997: 49).

É interessante salientar que depois de se masturbar, a garota volta para a rua a fim de brincar com as outras crianças, retornando aos valores da infância: “Deixa a casa e vai brincar com as crianças da vizinha da frente” (Nassar, 1997:49); ela, embora passe pelo processo de autoconhecimento por meio da iniciação sexual em que a

narrativa desacelera-se abrindo espaço para a reflexão e compreensão, não vivencia a epifania de se reconhecer mulher e de ter a consciência de uma ruptura de fase como tem a personagem de Clarice Lispector, a protagonista de *Nassareana*, ao lidar com a sua identidade inconclusa, retorna para a rua, pois é lá, caminhando, o seu processo transformador. A rua é o limite exato entre o que é dentro e o que é de fora que ainda está sendo construído pela garota.

Se em RC o rito de passagem demarca uma ruptura consciente de fase da menina que se percebe diferente e reconhece que a partir daquele momento houve uma mudança de identidade em que não mais regredirá, em MC, o rito de passagem alude à transformação inconsciente, silenciosa e progressiva pela qual a garota vai passar. Os próprios títulos dos contos dão conta desses movimentos. Em Clarice Lispector, o termo *restos* denota muitas significações: temos o resto como as sobras do papel crepom usado para a confecção da fantasia da personagem, como o final do carnaval, como fim da vida da mãe (morte) e como o fim da infância da menina e conseqüente nascimento, florescimento do corpo jovem enquanto sujeito (iniciado na vida adulta). Já em *Nassar*, o título remete à ideia da ação contínua, a menina ainda caminha, ainda percorre um trajeto de reconstrução e de autoconhecimento, é um movimento pautado numa ação que não possui indicativo de término, ela está a caminho a fim de reconhecer-se como sujeito transformado, ou melhor, transformando-se. Esse processo de identidade é possivelmente mais difícil porque ela não se sente pertencente a nenhum espaço, seja na rua ou em casa, ela se vê sempre excluída, desta forma, caminhar é preciso para que ela encontre o seu lugar e se encontre.

Considerações finais

O rito de passagem sempre esteve presente nas mais diversas sociedades e, ainda hoje, faz parte das sociedades modernas, embora venha com outros valores e simbologias. Em relação ao rito de passagem de saída da infância, a duração do período é determinada por instituições sociais e pelo grupo social: o comportamento adolescente é culturalmente determinado. É a época de ajustamento sexual, social, ideológico e de luta pela emancipação dos pais. É uma potencialidade pronta para qualquer nova oportunidade (Mannheim, 1973, pp. 52-53).

Embora seja muito difícil determinar a fase correta em que deveria haver o rito de passagem de saída do mundo infantil na sociedade brasileira moderna, os contos analisados trazem elementos que nos permitem entender que as personagens protagonistas são levadas a saírem do universo infantil precocemente dado o cenário de violência e de sofrimento ao qual elas estão inseridas. Elas sofrem pela pobreza e pelas responsabilidades de adultas que lhes são incumbidas desde cedo, sofrem com a dor da morte e da violência e esse cenário forja a maturidade precoce.

Percebe-se que o sofrimento e a violência pelos quais as personagens passam é o que move as narrativas, ressaltando o aspecto psicológico das crianças. Elas começam a alcançar a maturidade, tornando-se mulheres perante situações extremas que as fazem questionar sua própria identidade. É na relação violenta com o outro que estas meninas irão se descobrir sexualmente. Assim, os conteúdos da sexualidade são descobertos por elas por meio de um processo complexo e que se dá através da vivência e experimentação. Esta vivência é repleta de valores sócio-culturais e afetivos, constituindo-se assim como experiência sensível. Desta forma, nota-se que discriminação, violência, traição são alguns aspectos do meio social das

meninas que as levam a descoberta de sua condição de mulher numa sociedade cruel e hostil e lhe imputa uma condição de vulnerabilidade que a conduz para um caminho de amadurecimento forçado por essa situação social inflexiva e que a experiência de se tornar mulher é afetada por ela.

Referências

ANDRADE, Ângela Nobre de. **A criança na sociedade contemporânea: do ainda não ao cidadão em exercício**. Psicologia. Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 11, n.1, p. 161-174, 1998.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LISPECTOR, Clarice. **Restos do Carnaval**. In Felicidade Clandestina. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. pp. 25-28.

MANNHEIM, K. (1973). **Diagnóstico de nosso tempo**. Tradução: Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro, Zahar.

NASSAR, Raduan. **Menina a caminho**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994 (edição não comercial).

TERRIN, Aldo Natale. **O Rito: Antropologia e fenomenologia da ritualidade**. Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2004.

TURNER, Victor. **O processo ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. **Floresta de Símbolos**. Niterói: EdUFF, 2005.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.

ZILBERMAN, Regina; **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

Artigo de periódico

MEIRA, Mônica Bicheler Vanzella. **Sobre estruturas Etárias e Ritos de Passagem**. Revista@puc-ponto-e-vírgula,5:185-201,2009. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/>. Acessado em 05/06/2019.

NETO, Miguel Sanches. **Escritor de mãos ásperas**. Disponível em <http://www.revista.agulha.nom.br/msanches09.html>. Acessado 04/07 /2019.